REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 348

21 DE AGOSTO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os mezes de verão — o agosto e o setembro — são os mezes escolhidos para os congressos, e comprehende-se bem essa preferencia.

Os congressos são d'ordinario um pretexto para passeios, para villegiaturas, para festas, e os sabios acharam o meio de reunir o util ao agradavel e de veranear alegremente, fazendo o seu bocadinho de sciencia, para não perder de todo o costume.

Este verão já tem havido varios congressos, e annuncia-se agora uma chuva d'elles: congresso de jurisprudencia em Barcelona, congresso de litteratura em Veneza, e não sei quantos mais.

Geralmente, e tendo em vista a inefficacia e a inutilidade da maior parte d'esses congressos, o publico já se importa muito pouco ou nada com elles; entretanto reuniu-se ultimamente em Paris um congresso que chamou a attenção de toda a gente, pelo importantissimo assumpto que se propunha tratar, um assumpto que interessa a todos, no mais alto grau, que chega mesmo a ser uma questão de vida ou de morte: — a tuberculose.

Pelo assumpto especial e d'alta importancia de que tratava, pelas grandes summidades medicas que o compunham, o congresso da tuberculose fez bulha na Europa e os seus trabalhos foram seguidos avidamente pelo publico de todos os paizes, porque infelizmente em todos os paizes a tisica está tomando um incremento enorme, e sendo a mais ardente e infatigavel collaboradora da morte.

A estatistica da tisica na Europa, é uma coisa assombrosa.

Falla-se com terror do cholera, da febre amarella, da variola, do typho, d'essas doenças epidemicas que fornecem aos cemiterios as grandes percentagens de cadaveres, e entretanto todas essas terriveis epidemias juntas não matam tanta gente como mata, sem fazer bulha, sem dar nas vistas, sem semear o panico das epidemias celebres, a medonha e traiçoeira tisica.

E porque a tisica é de todos os paizes, não tem arraiaes certos e determinados como o cholera e a febre amarella, que só de vez em quando saem a dar o seu sinistro passeio por fóra de casa, porque a tisica é de todos conhecida e de todos temida, o congresso medico que a tomou por assumpto, despertou immediatamente em toda a parte, profundo e justificado interesse.

O congresso da tuberculose, porém, forçoso é dizel-o, esteve longe de corresponder á espectativa publica e de dar o que promettia.

Entretanto d'esse congresso sahiram affirmações importantes que vieram pôr mais uma vez em relevo, as enormes deficiencias, as hesitações e mesmo os erros gravissimos, quasi que criminosos, em que tem cahido a medicina.

Toda a gente sabe que houve um tempo, — que não vae muito longe ainda, pois ainda sou d'elle, — em que a tisica era considerada uma doença terrivelmente contagiosa.

N'esse tempo os tisicos, — que duravam annos e annos e não desappareciam d'este mundo n'um abrir e fechar d'olhos, como agora — não eram isolados como os typhosos ou os colericos, mas eram tratados com um grande cuidado nas suas relações com as pessoas sans, tinham os seus copos e os seus talheres separados, a sua roupa não servia a mais ninguem, e quando morriam, as enxergas e roupas eram queimadas, as paredes dos quartos picadas, os moveis de seu serviço beneficiados.

Depois, um bello dia, appareceu a theoria opposta.

A tisica não se contagia, disseram os medicos: e os resguardos dos tisicos acabaram.

E os fatos de que elles usavam passaram a servir a outras pessoas, sem ninguem pensar em beneficial-os sequer: as suas roupas e as suas camas passavam para o uso dos seus herdeiros, dos seus parentes, e o medo de que a tisica se apegasse a ser considerado uma caturreira do tempo do rabicho, uma caturreira de que toda a gente illustrada se ria.

Mas eis que de repente a sciencia moderna dá uma reviravolta.

A analyse, o estudo, a experiencia, as investigações medicas e chimicas ácerca da tisica, descobrem que a tuberculose tem o seu bacilo do mesmo modo que o typho, que a raiva, que o cholera e portanto que é uma doença que se propaga pelo contagio.

E as antigas prescripções cahidas em desuso, voltam a ser lei. E citam-se factos importantissimos, eloquentissimos, demonstrando que a tisica se contagia horrivelmente, como por exemplo o d'uma povoação franceza cujas condições climatericas se reconheceu ha pouco tempo serem favoraveis ao tratamento da tuberculose.

Até ao dia d'essa des-

EDUARDO AUGUSTO DA SILVA, AUCTOR DO MAUSOLEO DE ALEXANDRE HERCULANO

(Segundo uma photographia de Fritz)

coberta não havia n'essa povoação um unico tisico.

Os medicos começaram a mandar para lá os seus doentes tuberculosos, a povoação tornou-se n'uma estação de tisicos, como por muito tempo o foi a ilha da Madeira, e hoje a tisica devasta essa população outr'ora sadia e forte!

Nas decisões tomadas pelo congresso da tuberculose, vamos encontrar coisas muito parecidas com estas.

Por exemplo, o congresso condemnou por unanimidade o uso do leite de vacca sem ser fervido e muito bem fervido, por estar provado ser o leite um terrivel vehiculo do bacilo da tisica.

E entretanto é tambem do nosso tempo, muito recente ainda mesmo, o uso do leite tomado logo depois de mugido, sem ir ao lume, para tratamento de varias doenças, a começar pela propria tisica.

E então o uso do leite fervido era condemnado por alguns medicos como nocivo ao estomago e privado pela fervura dos seus principios substanciaes!

O mesmo congresso condemnou energicamente a alimentação por meio de carnes cruas ou pouco passadas, e é ainda de hontem a receita do *roastbeef* em sangue, e do *beef* á ingleza, e até da carne crua em pilulas e do sangue de boi quente, bebido nos matadouros, em certas doenças, com especialidade a anemia e a chlorose!

Não se esqueceu d'isso o congresso, e alguns dos medicos mais eminentes da França verberaram energicamente o procedimento dos medicos que levianamente prescreveram esses remedios ou antes essa alimentação, que em vez de curar uma doença, inoculavam no enfermo outra nova doença, muito mais terrivel e que fatalmente o matava—a tuberculose.

E citaram factos observados como por exemplo o d'uma senhora franceza que para a curar d'uma chlorose, o seu assistente mandára beber sangue em um matadouro, e que no fim de tres mezes d'esse regimen morreu tisica, pela tuberculose contagiada por esse sangue que bebeu!

Em quanto ao remedio contra a tisica, que o publico esperava ver sahir das discussões e dos trabalhos do congresso, o congresso nada disse.

Addiou a resolução d'esse problema para d'aqui a dois annos, limitando-se agora a indicar os meios preservativos.

Meios curativos, appareceram muitos e diversos, mas nenhum garantido como efficaz, e, como disse um medico de provincia, com um scepticismo cheio de bom senso, exactamente a abundancia de remedios indicados prova que não ha nenhum bom, porque se o houvesse, ninguem fallava senão n'esse!

O que do congresso resultou foi a verdade terrivel d'aquelle epigramma celebre de Bocage, no epitaphio do tumulo d'um homem rico.

> Aqui jaz um homem rico
> N'esta rica sepultura
> Teria escapado da molestia
> Se não morresse da cura!

Quando nós vemos a sciencia medica condemnar hoje como venenos perigosissimos aquillo que a sciencia medica preconisava hontem como remedios heroicos, temos todo o direito de perguntar assombrados, quantos não terão morrido da cura, que teriam escapado da doença!

Um dos congressos que no principio do mez se reune em Barcelona, é muito original—é um congresso de espiritistas.

Apezar de todas as zombarias, de todos os motejos, de todas as contestações, o espiritismo vae fazendo o seu caminho e o congresso espiritista de Barcelona não póde ser deitado ao ridiculo assim sem mais nem mais, porque no fim de contas toma parte n'elle um homem que tem no mundo scientifico contemporaneo um dos mais gloriosos nomes—o celebre astronomo Camillo Flammarion.

Ahi tem um congresso que hade tambem despertar certo interesse, e muita curiosidade.

A chronica approxima-se do seu fim, e tenho-a gasto toda com o congresso da tuberculose.

Infelizmente, se o congresso foi francez, não me podem accusar de não tratar d'assumpto portuguez, porque infelizmente a tisica é um assumpto bem nacional: as estatisticas obitoarias que o digam!

Os assumptos d'occasião tem sido poucos: estamos em plenas ferias d'acontecimentos.

Demais a mais a viagem d'el-rei e da rainha, augmentaram ainda este anno a semsaboria do verão lisboeta.

Em Cintra, onde está o principe regente e a côrte, tem havido algumas festas, mas todas ellas de caracter exclusivamente particular—divertimentos de villegiatura.

As gréves de Paris tiveram em Cintra uma pequena imitação, muito frouxa, ainda bem! muito apagada: a gréve dos cocheiros de carruagens e de char-à-bancs.

Essa gréve teve origem n'uma tabella de preços que a camara municipal poz em execução e com que os cocheiros se não conformaram.

E d'ahi resolveram não protestar, nem discutir: simplesmente não se sugeitar á tabella não indo á praça, e esperando na cocheira que lhes vão buscar os trens para lhes porem os seus preços.

A questão porém cuja solução é facillima não preoccupou ninguem.

Mais preoccupa a questão dos padeiros.

Essa dá já alguma coisa que fazer aos nossos homens politicos e Deus queira que não dê mais.

Sem trem para ir da estação da Estephania á villa de Cintra, póde-se passar perfeitamente, sem pão é que se não póde passar, e levantar o preço ao pão é tiral-o a muita gente.

E por estes motivos a questão é bem mais seria.

Entretanto a solução já apparece ao longe no plano do estabelecimento de padarias municipaes.

Uma questão que se resolveu rapidamente e a contento de todos, foi a questão do Colyseu de Lisboa.

Acabaram as desordens, os tumultos e as pateadas, com a substituição da *Fatinitza* e do *Pepe Hilo* pela *Marina* e pelos *Toros e puentas*.

Os applausos e a doce paz volveram ao Colyseu para bem da empreza que vê o theatro cheio todas as noites e para bem do publico que tem onde passar essas noites, tão curtas no relogio, mas que na insipidez de Lisboa tão longas parecem.

Temos uma promessa a cumprir, uma divida a pagar, e não a esquecemos:—uma chronica ácerca dos livros novos.

Tem-nos faltado, mais de que o espaço para escrever, o tempo necessario para ler com a attenção minuciosa que elles impõe, esses livros.

Contamos porém, muito em breve, desempenharmo-nos d'esse agradavel compromisso.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

EDUARDO AUGUSTO DA SILVA

O auctor do monumento a Alexandre Herculano, Eduardo Augusto da Silva, é um artista tão modesto quanto talentoso, que o publico mal conhece, mas cujas obras attestam o seu merito de modo irrefragavel, affirmando um talento e aptidão pouco vulgares.

Nasceu em Lisboa, de paes modestos, Justino Antão Ribeiro e de D. Maria dos Reis Ribeiro, e a escacez do seu lar, não lhe legando patrimonio, fez de Eduardo Augusto da Silva um alumno da Casa Pia, onde foi admittido sob a protecção do general sr. João Chrysostomo de Abreu e Sousa, que se interessou pelo joven estudante com toda a generosidade que distingue o seu bondoso coração.

A protecção do general não foi inutil, porque o protegido breve principiou a mostrar aproveitamento do ensino que recebia e a prometter um futuro glorioso, predito pela grande vocação que revelava para a arte.

José Maria Eugenio d'Almeida, que ao tempo (1867) era director da Casa Pia, reconhecendo a vocação de Eduardo A. da Silva tencionava mandal-o estudar na escola Martinier de Lyon; a morte, porém, do illustre par do reino, não permittiu que elle realisasse o seu proposito, e em vez da escola Martinier, Eduardo da Silva foi para a Academia de Bellas-Artes de Lisboa estudar desenho, sob a protecção do sr. Carlos Eugenio d'Almeida, que dignamente suppriu o logar de director da Casa Pia, que seu pae tão gloriosamente desempenhou.

Eduardo Augusto da Silva não desmereceu na Academia dos creditos que adquirira na Casa Pia, de estudante applicado e talentoso; fez um curso brilhante, obtendo premios em todas as disciplinas.

A primeira applicação pratica que deu aos seus estudos foi no desempenho do cargo de desenhador da Companhia Edificadora, que exerceu por mais de seis annos, tendo delineado muitas das construcções feitas por esta companhia, algumas de muito gosto, e que revelavam um artista muito completo, um architecto que reune á boa pratica um gosto especial de composição architectonica.

Em 1880 foi Eduardo Augusto da Silva chamado á cadeira de professor de desenho da Casa Pia, pela vaga d'aquelle logar deixada por fallecimento do professor M. Picard, accummulando este logar com o que já tinha de desenhador da Companhia Edificadora, que não quiz dispensarlhe os seus valiosos serviços.

No anno seguinte era o nosso biographado encarregado de reger a primeira escola profissional de Sacavem, fundada por José Augusto Braamcamp.

O laureado estudante, elevado ás funcções do magisterio, affirmou exhuberantemente a sua aptidão e talento, ensinando os seus discipulos com muita intelligencia, sobre um plano theorico e pratico que tem dado os melhores resultados, como se póde observar hoje na Exposição Industrial Portugueza, na secção das escolas profissionaes e outras, estabelecida na Galeria *Antonio Augusto de Aguiar*, examinando os bellos trabalhos expostos pelos alumnos da escola de desenho da Casa Pia e da de Gil Vicente, estabelecida em Belem e dirigida por Silva.

Quando em 1883 o engenheiro sr. Manuel Raymundo Valladas foi encarregado da reconstrucção do edificio da Casa Pia, chamou para o auxiliar n'essas obras a Eduardo Augusto da Silva, commissão em que se conservou até 1886, prestando valioso concurso nos trabalhos de reconstrucção, reconhecendo-se bem no edificio os pontos em que mais directamente influiu a intelligencia do artista.

Tratando a commissão executiva do monumento a Alexandre Herculano de obter local para o monumento, foi-lhe indicado pelo director da Casa Pia a capella incompleta que se achava ao norte do claustro dos Jeronymos, o que foi aceite pela commissão como logar muito proprio para o monumento, sendo preciso concluir, entretanto, a capella.

O governo auxiliou a commissão, mandando proceder á conclusão da referida capella, e encarregou d'essa obra o engenheiro sr. Manoel Raymundo Valladas que recorreu a Eduardo Augusto da Silva para o coadjuvar.

Este artista levantou as plantas da capella confórme estava, trabalho importante, para a grandeza da obra que havia a fazer, muito principalmente a abobada que devia cobrir a capella.

Outra obra de mais folego e importancia estava reservada a Eduardo da Silva para provar mais uma vez o seu talento e competencia, e foi o projecto para o mausoleu de Alexandre Herculano, obra monumental que faria a gloria do artista que conseguisse planeal-a com a grandeza e arte precisas em monumentos d'esta ordem.

Eduardo Augusto da Silva foi apresentado aos membros da commissão executiva, pelo engenheiro sr. Valladas, como competente para elaborar o projecto do monumento que se desejava, e apesar do sr. Silva ter lembrado que a obra de que se tratava era de natureza das que se usam pôr a concurso, a commissão insistiu com o artista para que fizesse um projecto, ao que elle accedeu.

O resultado d'esse projecto vae descripto no artigo que trata da capella tumular de Alexandre Herculano, e está patente nas gravuras que n'outro logar publicamos.

Por aquella descripção e pelas gravuras vê-se que o projecto do sr. Silva soffreu algumas alterações, mas essas alterações em nada o beneficiaram e antes o prejudicaram como é facil reconhecer.

Para a execução teve o sr. Silva que fazer o delineamento geral em tamanho natural, e quando todas as indicações estavam dadas e todas as duvidas resolvidas, procurou-se afastar o auctor da obra, ao que parece com o fim de lhe negar mais tarde a paternidade, de que a inscripção existente na capella e em que o nome de Eduardo Augusto da Silva não apparece, é prova tristemente verdadeira do que ao principio fôra mera desconfiança.

Crêmos bem que esta flagrante injustiça feita ao auctor do monumento não é a recompensa moral de quem tanto se esforçou por bem corresponder á espinhosa commissão de que foi encarregado. Crêmos que a verdade triumphará;

mas se ella não triumphar, nem por isso a gloria de Eduardo Augusto da Silva será offuscada, e o nome do glorioso artista fica ligado da mesma maneira á sua obra monumental.

As vaidades ephemeras cahem sem mesmo ser preciso derrubal-as; são como os castellos de cartas, cahem com o bafo do riso que provocam.

CAPELLA TUMULAR DE ALEXANDRE HERCULANO NO CONVENTO DOS JERONYMOS

Cumprimos hoje a promessa que fizemos no n.º 343 do Occidente, publicando a gravura da capella tumular de Alexandre Herculano, no convento dos Jeronymos, monumento feito por subscripção e coadjuvado pelo governo, e que foi inaugurado com a trasladação dos restos de Herculano, no dia 28 de junho ultimo, conforme se deu noticia na chronica do nosso numero de 1 de julho.

Por deliberação das côrtes portuguezas, em 22 de março de 1884, e sob proposta do deputado sr. Marianno Cyrillo de Carvalho, hoje ministro da fazenda, foi cedida a capella incompleta, situada ao norte da egreja dos Jeronymos, junto ao claustro, á commissão executiva do monumento a Alexandre Herculano, composta dos srs. José Gregorio de Rosa Araujo, presidente: João Maria Galhardo, thesoureiro; Francisco Antonio Pereira da Costa, João de Andrade Corvo, José Manuel da Costa Basto e José Maria Borges, vogaes; Eduardo Coelho e José Joaquim Gomes de Brito, secretarios.

Esta capella, segundo uns, era destinada á casa do capitulo, e segundo outros a ser o jazigo de El-rei D. Manuel e sua esposa. Ultimamente era uma dependencia da Casa Pia e estava n'ella installada a aula de desenho, quando o sr. Manuel Raymundo Valladas, então director d'este estabelecimento, a indicou á commissão executiva do monumento a Herculano, para n'ella se construir o mausoleu, conforme foi determinado.

A referida capella estava como se disse, incompleta, faltando-lhe a abobada, que foi preciso fazer.

A capella é de fórma rectangular, terminando ao norte por um corpo semihexagonal, tendo nas faces tres pequenas capellas. Na do centro fez-se um altar, sobre o qual se ergue o crucifixo em pedra de que publicámos a gravura em o n.º 343 do Occidente, e nas dos lados lêem-se os versos do cantico dos Ramos traduzido por Herculano e que tambem publicamos no mesmo numero do Occidente.

As pilastras que separam as tres capellas tem baldaquinos, em que se collocaram quatro figuras dos apostolos, de esculptura vulgarmente mediocre.

A entrada da capella é pelo claustro, por duas portas de arco de volta abatida, tendo nos pilares interiores as estatuas do apostolo S. Paulo e de Santo Agostinho.

Do lado opposto ás portas de entrada e no alto da parede, abrem-se duas grandes janellas envidraçadas de côres, illuminando suavemente o recinto, cuja extenção é de vinte e tres metros de comprimento por treze e oitenta centimetros de largura.

A cobertura de abobada, feita agora, é formada por nervuras de cantaria, que partem das quatro pilastras que separam as capellas e de outras tantas misulas, já existentes, á altura de sete metros. O aspecto e estructura da abobada é identico ao da galeria superior do claustro, não sendo, porém, toda de cantaria como esta. A sua altura do piso ao vertice é de quatorze metros e meio.

Na face opposta ás capellas existia uma tribuna que foi agora completada e deffendida por uma cortina de cantaria.

Por baixo d'esta tribuna abriram-se agora duas pequenas portas, mas que não estão em harmonia com o resto. Entre estas duas portas e á altura de tres metros e meio, foi collocada uma lapide commemorativa com a seguinte inscripção:

Esta capella foi mandada completar pelas côrtes geraes da nação, para ficar sendo o monumento a Alexandre Herculano, sob proposta do deputado Marianno Cyrillo de Carvalho em 22 de março de 1884, e com o auxilio efficaz do ministro das obras publicas, Antonio Augusto de Aguiar. O mausoleu e a estatua do crucificado foram erigidos por subscripção feita entre os amigos e admiradores do finado. As obras da capella e do mausoleu foram gratuita e zelosamente planiadas e dirigidas pelo distincto engenheiro Manuel Raymundo Valladas.

A Commissão.

O mausoleu ergue-se ao centro da capella em fórma de tabernaculo. O seu comprimento é de quatro metros e meio por dois metros e oitenta centimetros de largura.

Sobre um envasamento rectangular, elevam-se quatro pilares de fórma prismatica, cujos pedestaes se acham embutidos nos angulos do envasamento. As doze faces de cada um d'estes pilares são profusamente ornamentadas e guarnecidas por columnellos de cujos capiteis nascem, nas faces anterior e posterior, arcos soltos de secção prismatica, egualmente ornamentados superiormente por contravoltas com cogullos, terminando em cruz ornamental. Cada uma das faces lateraes é formada por arcos conjugados de fórma identica, que se apoiam n'uma columna assente a meio do envasamento. Os quatro pilares são coroados por cimalhas sobre as quaes se elevam quatro coruchéos pyramidaes e medem do piso ao vertice cerca de oito metros de altura.

O sarcophago está assente sobre o dorso de seis leões, que se agacham sobre plintos nascidos de um esbarro que se eleva do envasamento. É de fórma parallelipipeda guarnecido de pilastras e coroado por uma crista.

Na face anterior do sarcophago lê-se a seguinte inscripção.

Aqui dorme um homem que conquistou para a grande mestra do futuro, para a historia, algumas importantes verdades.

A. Herculano.

Na face posterior lê-se:

Dormir? só dorme o frio
Cadaver que não sente;
A alma vôa, e se abriga
Aos pés do Omnipotente.

A. Herculano.

Na face do nascente:

Nasceu em Lisboa aos 28 de março de 1810.

Na face do poente:

Falleceu em Val de Lobos aos 13 de setembro de 1877.

A nossa gravura completa a descripção que aqui deixámos, mostrando a elegancia e ao mesmo tempo a severidade do monumento que guarda os restos do grande historiador portuguez; mas se esse monumento assim como está é bello, muito melhor seria se tivesse sido executado o projecto do seu auctor tal qual elle o imaginou e de que publicamos a gravura a paginas 188.

No projecto do sr. Eduardo Augusto da Silva, auctor de toda esta obra, os quatro pilares que se erguem nos quatro angulos do mausoleu, eram aproveitadas as reintrancias das faces exteriores para nichos com seus baldaquinos, e n'estes nichos seriam collocadas estatuetas allegoricas á vida e obras de Alexandre Herculano.

Isto completaria muito melhor o monumento, dando uma idéa mais complexa á homenagem alli prestada.

Rasões economicas levaram, porém, a commissão executiva a supprimir os nichos, no que nos parece não ter tido vantagem, pois tendo custado o mausoleu assim como está e segundo nos consta, cerca de 7:000$000, é certo que o sr. Rato se promptificava a fazel-o, confórme o risco do auctor, á excepção das estatuetas, por quantia muito approximada á que se dispendeu.

Este facto é bastante importante se se attender ainda a que o sr. Rato é um esculptor, um artista, e que a obra executada sobre a sua direcção seria bem superior ao trabalho de esculptura em pedra que alli se vê, e que tanto deixa a desejar sob o ponto de vista d'arte.

Os leões que sustentam o sarcophago são de uma esculptura prehistorica; a folhagem que se entrelaça pelos pilares é de uma dureza superior á propria pedra em que está esculpida, etc.

Mas se rasões economicas determinaram a suppressão dos nichos, outro tanto não explica a substituição que se fez do sarcophago do projecto pelo actual.

O sarcophago que se vê no projecto tem todo o rigor do estylo architectonico do monumento, tem toda a simplicidade elegante que caracterisa este genero de architectura; o sarcophago que o substituiu não participa do estylo architectonico do resto, e bem se póde classificar de emenda infeliz onde não havia que emendar.

Não se explica, pois, o que levou o director d'esta obra a cahir em tão grande erro.

Infelizmente não são só estes os erros commettidos, que de resto não conseguiram destruir a belleza do monumento, cuja concepção grandiosa e perfeita resiste a estas mutilações mesquinhas; outro erro mais lamentavel se commetteu debaixo d'aquellas abobadas, sob o tecto que abriga as cinzas do homem que tanto trabalhou pela verdade e tanto a amou, e esse erro está na inscripção que se lê na capella, onde, mencionando-se o nome do deputado que apresentou a proposta ao parlamento para a conclusão d'aquella capella, o nome do ministro que auxiliou a obra, o nome do engenheiro que a dirigiu, só não está o nome de Eduardo Augusto da Silva o auctor do mauzoleu e do plano de conclusão da capella, deprehendendo-se da referida inscripção que foi o sr. Manoel Raymundo Valladas quem planeou e dirigiu tudo, onde diz:

«As obras da capella e do mausoleu foram gratuita e zelosamente *planeadas* e dirigidas pelo distincto engenheiro Manuel Raymundo Valladas.»

As cinzas de Herculano devem ter estremecido no tumulo, em presença d'esta monstruosidade.

A benemerita commissão, que tanto se esforçou para levar a cabo a sua grandiosa obra, cumpre destruir este erro a que foi levada provavelmente por informações menos conscienciosas, e restabelecer a verdade.

Assim a sua obra será completa e Herculano repousará em paz.

Se assim o não fizer, a verdade consignada n'estas paginas, será um protesto eterno que afrontará a sua memoria, porque isto é um livro que fica e não um jornal que passa.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

INSTALLAÇÃO DA EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

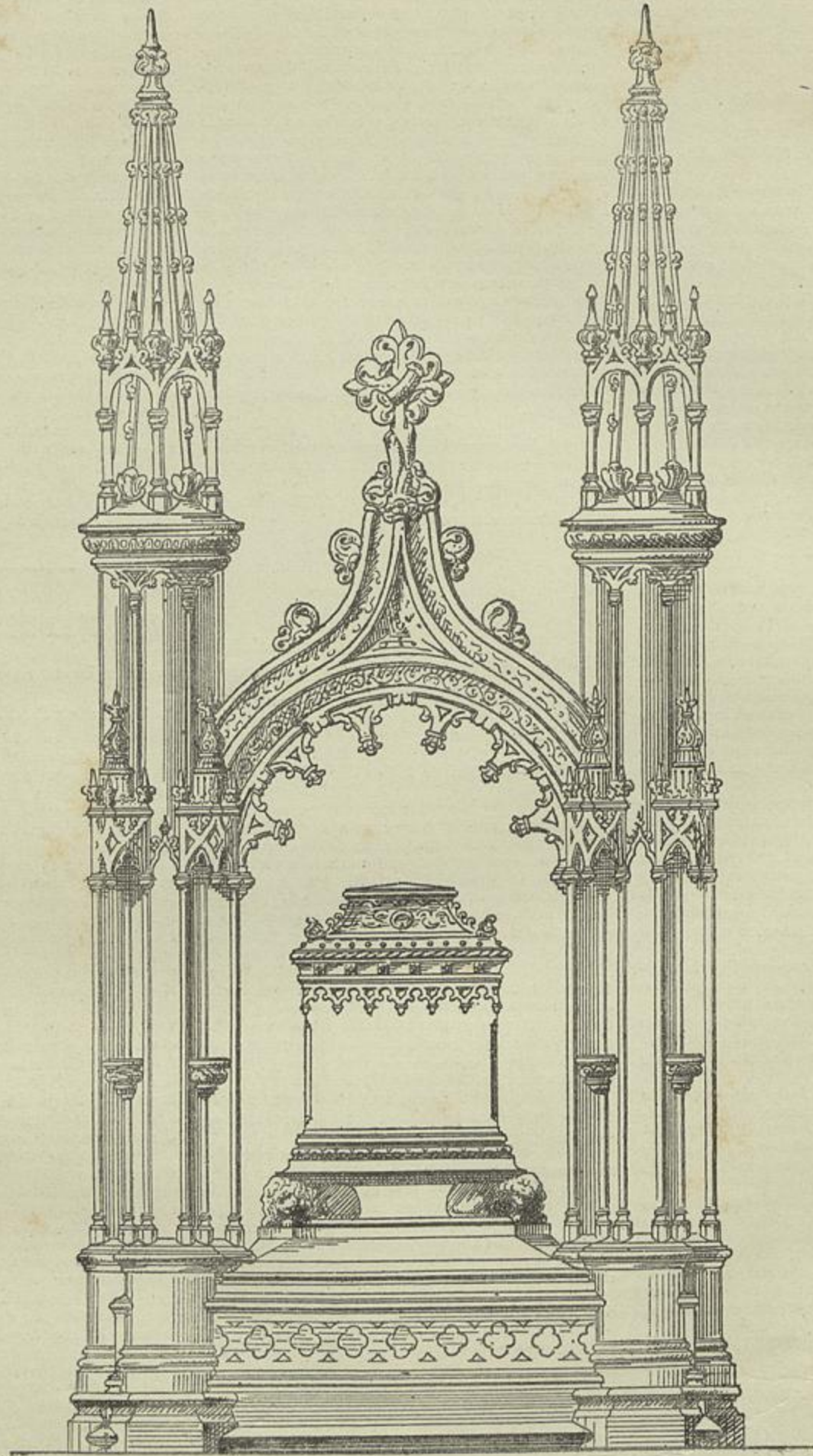
É verdadeiramente o templo do trabalho! Vasto, grandioso, desafogado, dominando-nos por completo o espirito... e as vozes perdem-se ali n'um murmurio suave, confuso mas respeitoso, como nas naves das velhas cathedraes. A magestade do trabalho tem ali o seu throno, enraizado no coração do operario e na concepção de um largo espirito industrial.

O ferro e os metaes estão ali sujeitos a formas caprichosas, artisticas, n'uma combinação de curvas e harmonia de rectas que surprehende o espirito humano do que o mesmo espirito póde alcançar.

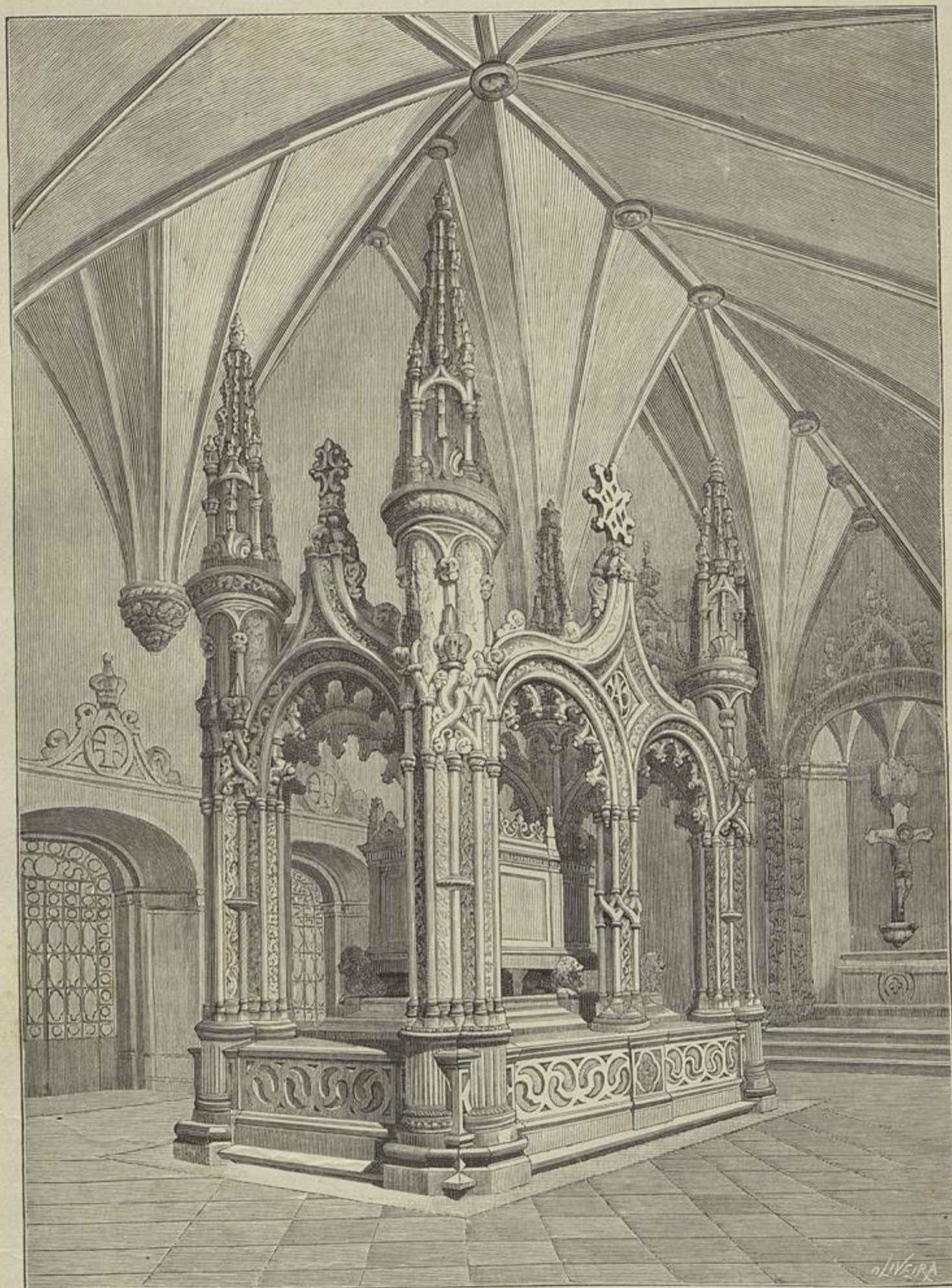
Se para entrar nos dirigirmos ao portal do norte da installação da *Empreza Industrial*, muito proximo d'ella se nos depara a prova do caracter benevolo e generoso do homem, ao vermos o hangar para abrigo das parelhas de carruagens de praça, encommendado a esta *Empreza* pela Sociedade Protectora dos Animaes. N'este trabalho o operario e o industrial, a cabeça e o braço humano, visam ao mesmo empenho de proteger o ser forte mas desprotegido, o ente irracional mas trabalhador.

Entrando no vasto e senhorial pavilhão que simula uma *gare* de caminho de ferro, a primeira exposição que nos prende a vista é a de um modelo de ponte.

Um modelo com todas as peças no tamanho natural: representa oito metros de uma ponte de ferro, typo da que se vae construir sobre o Guadiana para ligação dos povos alemtejanos com os de Hespanha; tem seis metros de largura no taboleiro; e este, depois de mais de dois metros de ligaduras em diagonal, tirantes, e pranchas para limpeza da ponte, assenta em pilares de alvenaria. A altura total da ponte, desde as fundações ao taboleiro, é de 30 metros; e o comprimento de extremo a extremo é de 256 metros. Sobe-se a este modelo por duas escadas de espiral, á esquerda e direita da ponte, servindo de accesso ao seu taboleiro, a fim de melhor se observar a perfeição dos operarios nacionaes em trabalho de tanta responsabilidade, e não, como têem pensado alguns visitantes, de partes componentes da construcção da ponte.

Pouco distante, e como nova demonstração da alliança do trabalho mechanico á metallurgia e arte ornamental, temos uma exposição de diversos typos de tubos de ferro fundido, dispostos de modo a formarem um elegante pavilhão octogonal. Esta exposição de calibres de tubagem fica assente sobre o fundo de um tanque cheio de agua, subindo esta e correndo por alguns d'elles esparge-se pelas torneiras de metal em diversos sentidos; isto fez crer a muita gente que se tratava de expôr um modelo para jogo de aguas,

Projecto primitivo do mausoleu de Alexandre Herculano por Eduardo Augusto da Silva

quando apenas se desejou, de modo ornamental e harmonico, mostrar os calibres da tubagem de ferro fundido ali exposto. É certo porém que este engano, ou supposição, do publico muito depõe em favor da pessoa que dirigiu aquella exposição. Tubos de ferro servirem de ornamentação e de tal arte que pareçam varões forjados especialmente para aquelle fim!... Effectivamente, custa a acreditar que para tanto chegue o engenho artistico! Mas chegou, e por isso felicitamos a *Empreza Industrial* e os seus operarios.

Pelo vasto recinto, vêem-se espalhados como sentinellas ou vedetas de um grande exercito, porque estão em volta dos dois notaveis trabalhos que apontámos, varias prensas de vinho e azeite, duas *galgas* para cylindragem de estradas, sendo uma d'ellas habilitada a augmentar a pressão de pezo até ao ponto de produzir sensiveis differenças de nivel nas estradas sem que com a fricção soffra a rodagem do cylindro da *galga;* bombas para esgoto; marcos fontenarios, entre estes um de lampião. Todo este trabalho é em ferro fundido, e bem assim outros exemplares, como: escadas circulares e rectas para jardins ou interior de *cottage*, duas d'estas são de modelo completamente novo e de muito bom

MAUSOLEU DE ALEXANDRE HERCULANO, NA CAPELLA TUMULAR DO CONVENTO DOS JERONYMOS

(Segundo um desenho de E. Augusto da Silva)

gosto, mobilia de jardim e outros pequenos objectos tambem de ferro fundido.

E para que n'um paiz, como Portugal, onde o progresso não póde fazer esquecer as tradições historicas do nosso enorme poderio maritimo, a arte de hoje, a industria moderna tinha necessariamente de demonstrar o aperfeiçoamento das construcções navaes em ferro e apresentar, como a *Empreza Industrial*, modelos dos barcos actuaes.

Effectivamente, ali vimos varios modelos dos barcos a vapor, fornecidos para a Alfandega, escola de torpedos e outras instancias officiaes. Entre os mesmos modelos notámos uma lancha grande com dezeseis metros de comprimento, outra de dez metros, um escaler de nove metros para torpedos, e uma lancha de sete metros de comprimento para serviço no rio Minho.

Orgulha-nos a perfeição de trabalho do operario portuguez que tem acompanhado, como ali se demonstra, todos os progressos das modernas construcções.

As installações da *Empreza Industrial Portugueza* são incontestavelmente das melhores exposições que tem apresentado o certamen nacional da *Avenida da Liberdade*.

Ao gerente, sr. Oliveira Martins bem como ao empregado da *Empreza industrial* sr. C. Luiz d'Araujo, devemos muitas attenções que o Occidente agradece cordialmente, por isso que o habilitaram a servir os seus leitores dandolhes profuza descripção de uma das melhores installações da Exposição Industrial, porque é a que melhor accusa o desenvolvimento da industria do ferro em Portugal.

(Continúa.) *Manuel Barradas.*

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

(Continuado do n.º 347)

Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do conde de Oeiras, foi quem deu as instrucções para a expulsão dos jesuitas d'essas partes do Brazil em que tinha sido governador.

Estava então a côrte entregue aos prazeres da caça, em Villa Viçosa, onde a tinham acompanhado os ministros da marinha e dos extrangeiros. E lá foi escripta a carta que veiu para Lisboa com as referidas instrucções, e que merece ler-se:

Diz assim:

«Ill.mo e exc.mo snr.—Mano do coração.—Nossos augustos amos continuam a lograr a felicissima saude que todos nós lhes desejamos e havemos mister, e da mesma sorte a mais familia real, e só o snr. infante D. Pedro ainda padece a leve molestia no dedo grande do pé, mas dizem os cirurgiões que vai com muitas melhoras.

«Suas magestades e sua real familia não foram hoje ao seu divertimento da caça, e todo o dia levaram na capella real, assistindo aos officios divinos, assim de manhã como de tarde.

«Parece-me que estão summamente gostosos da terra e da fórma porque acharam a tapada, cheia de infinita e formosissima caça.

«Hontem lhe mandei dizer que me avisasse se haviam de ir algumas respostas para o Pará, que era preciso saber eu quando haviam de partir os navios, porque tenho cá as cartas, as quaes se devem responder, e depois de as presentar a sua magestade lh'as poderei remetter para v. ex.ª as ver, isto é, aquellas em que não houver duvida; porque as outras de negocio maior ou ficarão esperando que v. ex.ª venha ou lh'as remetterei para v. ex.ª, conferindo com sua magestade, se resolver o que parecer melhor ao dito senhor, depois de ouvir a v. ex.ª

«O coronel e tenente coronel me parece que deverão ir ou na nau de guerra ou no navio da Companhia, para o que se poderia dilatar mais alguns dias.

«A mesma necessidade me parece que ha de ministros, não esquecendo o juiz de fóra de Matto Grosso, que o que lá está, conforme as informações que tive, para pouco ou nada presta; emfim, eu lembro, e v. ex.ª resolverá o que lhe parecer mais conveniente.

«Aos pés de minha cunhada offereço a minha obediencia, e para servir a v. ex.ª fico sempre com a rendida affeição que devo.—Deus guarde a v. ex.ª muitos annos.—Villa Viçosa, o primeiro de novembro de 1759.—Irmão muito amigo e do coração—*Francisco*.

«P. S.—V. ex.ª parece que faça duas regras sempre ao snr. D. Luiz,[1] porque, ainda que me persuado que não desconfiará, sempre poderá reparar, ao menos no seu interior, em v. ex.ª lhe não fazer um par de regras. Elle me pede que o ponha na sua lembrança com infinitas memorias, e que cá o deseja ver n'esta terra.»

As instrucções de Francisco Xavier eram estas:—que o commandante da fragata devia lançar ferro na bahia de S. Marcos, aproximandose, quanto possivel, e sem risco, do porto de S. Luiz do Maranhão, e mandar a terra, quando visse o tempo quieto e sereno, um escaler com os despachos enviados, tanto ao governador do Maranhão como ao do Pará;—que n'essa embarcação deviam ir dois officiaes de tôda a confiança, um capitão tenente de marinha e um official de infanteria, com ordem de guardarem inviolavel segredo do que tinha succedido na Europa, para de nenhuma maneira transpirar o proximo exterminio dos jesuitas do Brazil, incorrendo ambos em pena maior no caso de contravenção;—que o capitão tenente, ao saltar em terra, fizesse conduzir por um indio ou negro os despachos que ia entregar ao governador, ao passo que o outro official, affastando-se para o largo, sem admittir pratica a ninguem, aguardasse a volta do capitão tenente, que devia sem demora recolher á fragata;—que da mesma sorte o commandante José Sanches de Brito não consentisse a pessoa nenhuma o vir a bordo ou á falla, emquanto não recebesse ordem para isso do governador do Maranhão;—que este, enviando logo com toda a segurança os despachos para o governador do Pará, não désse comtudo principio á execução das ordens que recebesse, senão passados cinco ou seis dias, para evitar que alguem désse aviso para o Pará do que se passava em S. Luiz do Maranhão, e se malograsse em parte a diligencia, ao passo que o governador do Pará devia começar a cumprir as suas, apenas as recebesse;—e que, podendo os jesuitas ter na mão de outras pessoas, illudidas por elles, algum dinheiro ou pedras preciosas, seria bom tomar-se alguma providencia a tal respeito;—que devia dar-se busca aos bahus e arcas que trouxessem, deixando-lhes sómente breviarios e a roupa, «porque não succeda virem carregados de dinheiro d'aquellas partes como tenho algumas razões para me persuadir que o foram d'estas.» Lembrava, por ultimo, que o cardeal patriarcha reformador mandasse ao bispo do Pará as vias competentes para elle conceder dimissorias aos jesuitas de votos simples que quizessem aproveitar-se do indulto.

Ficaram essas instrucções como esquecidas quasi seis mezes, pois só em abril de 1760 foram mandadas transladar com algumas alterações ás cartas regias enviadas ao commandante da *Arrabida* e ao governador do Maranhão.

O conde de Oeiras, sem embargo de ordenar que os officiaes mandados a terra no Maranhão guardassem inviolavel segredo sobre o insulto de 3 de setembro de 1758, a sentença proferida para castigo d'elle e a expulsão dos jesuitas do continente, omittiu a comminação de pena maior em caso de contravenção, indicada por Francisco Xavier, sem duvida porque a julgou desnecessaria, visto que se tratava de officiaes do exercito de terra e do mar, demais a mais, de toda a confiança. E emquanto elles effectuassem essa diligencia ordenou o mesmo secretario de estado que todos os officiaes militares, ministros e mais pessoas que iam para aquella capitania passassem para bordo da galera, e, quando os primeiros voltassem, a fragata sahisse logo para o Pará, porque podia resultar de qualquer demora que ella tivesse n'aquelle porto o serem para lá mandadas algumas noticias que prejudicassem as resoluções do governo.

As providencias relativas á expulsão dos jesuitas do Maranhão foram, em resumo, as seguintes:

Carta regia ao brigadeiro Gonçalo Pereira Lobato de Sousa, governador da capitania do Maranhão, para que, apenas a recebesse, juntamente com os despachos dirigidos ao governador do Grão Pará, lh'os enviasse logo com toda a segurança, e, passados seis dias, por um ministro e officiaes de guerra da sua maior confiança, mandasse, como dizia a carta regia—«reduzir a uma só morada, e n'ella á mais estreita reclusão, aquelles dos ditos regulares que n'essa cidade e seu districto residirem, recrutando os que fóra da mesma cidade se acharem dispersos, de sorte que sejam todos infallivelmente reduzidos á mesma identica reclusão, sem que fique de fóra algum d'elles, e sem que se lhes possa permittir a menor communicação, nem com pessoas de fóra da referida morada nem ainda com os mesmos guardas d'ella, os quaes por isso não serão postados dentro na mesma casa, mas sim fóra d'ella, a uma tal distancia que não permitta conversação alguma entre os ditos reclusos e as sentinellas por quem forem guardados. O que tudo se obrará de noite e de sorte que, quando amanhecer, esteja tudo executado pelo que pertence a essa cidade e seu districto.»—No dia seguinte á prisão e encerramento dos jesuitas, que se fez em silencio e sem escandalo, o governador publicou a som de caixas as duas leis ultimamente promulgadas, tanto para a expulsão dos clerigos regulares da Companhia de Jesus, como para serem guardados nos archivos municipaes de todo o reino os documentos destinados a perpetuar as violencias e attentados dos jesuitas; entregou o maço dirigido ao bispo da diocese com duas cartas regias, como as que estão compiladas sob n.os XVII e XVIII na *Collecção dos breves pontificios e leis regias*, e uma carta de secretaria com uma *Collecção* authentica para ser depositada no archivo do bispado; distribuiu outros exemplares da mesma obra pelas corporações municipaes e juizes de fóra de S. Luiz do Maranhão e das villas da Moucha, e de Santo Antonio de Alcantara de Tapuytapera; e poz em absoluto sequestro todos os bens moveis, de raiz e do commercio dos jesuitas.

Procedendo logo depois aos preparativos de accommodação dos religiosos expulsos a bordo da galera, que mandou prover dos matimentos necessarios por conta dos bens confiscados, esperou que chegassem os jesuitas da capitania de S. José de Piauhy, cujo governador, João Pereira Caldas, tinha recebido ordem de mandar com uma escolta para a cidade de S. Luiz, confiscando-lhes ao mesmo tempo todos os bens e papeis, e entregando as fazendas, lavouras e gados para não soffrerem prejuizo a pessoas capazes de os administrarem bem, emquanto não se tomava sobre este assumpto mais ampla e decisiva providencia. E, guarnecida a galera de trinta a quarenta soldados escolhidos e de dois officiaes de confiança, todos os jesuitas, reclusos no Maranhão foram mandados de noite para bordo da galera que, soltando as velas, para o porto de Belem do Grão Pará, alli foi reunir-se á fragata *Nossa Senhora da Arrabida*.

As ordens para a expulsão e embarque dos jesuitas do Grão Pará, concebidas nos mesmos termos das que temos mencionado, foram dirigidas ao governador e capitão general Manuel Bernardo de Mello e Castro, ao bispo d'aquella diocese e ás camaras municipaes da cidade de Belem do Grão Pará, e das villas de Barcellos, Macapá, Cametá, Bragança e Vigia.

Alberto Telles.

[1] D. Luiz da Cunha, secretario de estado dos negocios estrangeiros.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

VII

E a Alice com o seu par, tomou logar no quadro da contradança em frente do seu *vis-à vis*.

—Olha! o sr. Barradas! disse a Ignacinha ao ver o cavalheiro que a Alice desencantára lá dentro.

—Minhas senhoras! cumprimentou o Barradas dando um passo para vir apertar a mão á Ignacinha, á dona da casa, e ás outras senhoras do seu conhecimento, todo cheio de delicadezas e de pontinhos, como era seu timbre. Mas a sua braceira, a menina Alice, não o deixou, e sem lhe largar o braço, puchando-o para traz, obrigando-o a deixar-se estar no seu logar, disse-lhe meio zangada, com voz de commando!

—Deixe-se estar: agora vae-se dançar, logo fará os seus cumprimentos!

E o Barradas contrariado por ter que faltar aos seus deveres de visita, elle que tinha o orgulho justificadissimo de ser um perfeito cavalheiro, de saber entrar n'uma sala, não teve comtudo coragem para reagir contra as ordens do seu par, e limitou-se a repetir lá de longe, abaixando a cabeça:

—Minhas senhoras!

—Oh mamã! olhe o sr. Quim! annunciou a Ignacinha tambem do seu logar, á sr.ª Leitão, que, a conversar com a D. Ephigenia, sentada

ao piano, não tinha ainda reparado na sua nova visita.

—O Quim! onde está elle? perguntou a sr.ª Leitão relanceando um olhar pela sala.

E encontrando finalmente o sr. Barradas, dirigiu-se a elle muito amavel, sem se importar com pragmaticas:

—Viva! como está! A Emilinhas, não veio?

—Veio, sim, minha senhora, está lá dentro, a arranjar-se, a dar os ultimos toques á sua toilette. V. Ex.ª bem sabe que isto de senhoras tem sempre que fazer ao espelho, disse o Barradas rindo, muito observador, muito critico da natureza humana.

—Ah! então deixa-me lá ir, está lá sósinha, eu não sabia que ella estava cá...

—Não se incommode V. Ex.ª, está lá o sr. Leitão com ella...

A mãe da Ignacinha fez-se vermelha a esta noticia e repetiu com voz secca:

—Vou lá ter com ella.

Mas era escusado.

Quando ella se encaminhava para a porta, entrava na sala seu marido com a Emilinhas Barradas pelo braço.

Entretanto a Dona Ephigenia perguntou lá do piano.

—Então! estão todos a postos? já posso principiar?

—Já! informou a Ignacinha.

E a D. Ephigenia voltando-se para o piano principiou a tocar, e a contradança começou.

VIII

A Emilinhas Barradas e seu irmão Joaquim, o Quim, como na intimidade o tratavam, eram um par de manos muito apreciavel na sociedade pelas multiplices prendas de que era dotado.

Bastavam o Quim e a Emilinhas para encher uma sala e entreter uma noite toda a sociedade mais difficil de divertir.

Elles faziam tudo: dançavam, tocavam, cantavam, faziam habilidades, adivinhavam ao piano, tinham um extenso e variado reportorio de jogos de prendas, e por cima de tudo isso fallavam por toda a gente, tinham conversação permanente para oito dias, a fio, sem interrupções.

O Quim era um homem de 27 annos, fiel cobrador d'uma companhia de seguros, onde era muito estimado pela sua fidelidade.

Aquillo era a honradez em pessoa: podia-se fiar d'elle ouro em pó, que nem um atomo elle distrahiria em seu proveito.

Lá para grandes esforços d'intelligencia é que elle não era.

O pae, que Deus havia já ha annos, cançado de mandar garrafas de vinho do Porto a todos os examinadores do lyceu sem conseguir que o Quim lhe passasse da Instrucção primaria, tendo-o visto tres annos a fio sair reprovado em portuguez e em francez do 1.º anno, com uma tenacidade digna de melhor applicação, mettera-o servindo-se da sua influencia burocratica, como supranumerario na secretaria do reino.

No dia em que se apresentou na secretaria, o pae que era todo de enguiços e de crendices, recommendou-lhe muito que entrasse com o pé direito.

Elle seguindo á risca a recommendação parou á porta, benzeu-se para se certificar bem de qual era o seu pé direito, e entrou com elle no ministerio do reino, solemnemente.

Não lhe serviu isso de muito, verdade seja, porque d'ali a menos d'um mez sahia com os dois pés.

O chefe da repartição a quem elle fôra particularmente recommendado deu-lhe para fazer um officio.

—É copiar isto, percebe? copiar isto textualmente.

—Tal qual como está aqui? perguntou elle.

—Tal e qual; exactamente, respondeu o chefe.

—Sim senhor, disse elle pegando na minuta e encaminhando-se para a sua carteira.

Puchou pela sua melhor attenção, pela sua mais apurada lettra e d'ali a coisa d'uma hora, ergueu-se triumphante e apresentou, com o sorriso satisfeito d'um homem que está contente comsigo, o officio feito, ao seu chefe.

O chefe pegou no papel, olhou para elle, e depois olhou para o novo supranumerario fazendo-se vermelho como um tomate.

O Quim sustentou esse olhar com uma serenidade eloquente que demonstrava logo a tranquillidade da sua alma, a paz da sua consciencia.

E então o chefe domando um pouco a colera que no primeiro momento o invadira ao pensar que aquillo era uma partida, uma caçoada, disse-lhe:

—O senhor seguiu demais á risca o que eu lhe disse.

—Demais? perguntou o Quim.

—Eu disse-lhe que copiasse a minha minuta.

—Exactamente; foi o que eu fiz: copiei tudo o que lá estava.

—Isso vejo eu! Até copiou as palavras riscadas, as emendas feitas nas entrelinhas!

O Quim muito embaçado retirou-se para o seu logar, resmungando com os seus botões que assim não se entendia. Tão depressa lhe diziam que copiasse tal e qual, como tão depressa não queriam tal e qual...

D'ali a dias o chefe querendo puchar por elle, e attendendo á sua maravilhosa calligraphia, deu-lhe para fazer um decreto.

—Isto quer-se bem feitinho, ouviu? É um decreto, um documento para ir parar ás augustas mãos d'el-rei, e que sua magestade tem que assignar pelo seu proprio e regio punho. Percebeu? Então veja lá, apure-se bem: quer-se um decreto todo catita!

—Sim senhor! Esteja descançado, fica por minha conta! garantiu o supranumerario.

E comprehendendo que estavam ali empenhados os seus creditos de burocrata, o Quim despicou-se, deitou a prateleira abaixo.

Tratava-se nem mais nem menos do que do decreto nomeando um professor de francez para o lyceu do Porto.

O Quim estudou muito o assumpto, consultou varios auctores e por fim em papel velino, da marca da lei, e em lettra garrafal, toda cheia de finos e grossos, deu á luz um brilhante documento official do theor seguinte.

«Attendendo ás provas dadas no cuncurso aberto para o provimento da cadeira de lingua franceza vaga no lyceu do Porto pelo candidato F.

«Hei por bem nomear o mencionado F. professor da afamada lingua de Voltaire e de Bossuet, d'esses dois grandes colossos monumentaes do scepticismo e da Fé, da Impiedade e da Crença, do atheismo e da religião do martyr do Golgotha, no lyceu da cidade do Porto, essa heroica cidade invicta, paladio de todas as liberdades, que teve a honra de receber no seu seio a viscera vital do fallecido soberano Carlos Alberto, que jaz mirando o alcantilado Douro, das eminencias pittorescas do ombroso jardim do palacio de Crystal.

«O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar.»

O chefe quando o Quim lhe apresentou o decreto, leu-o, abriu muito os olhos, e não disse nada.

O Quim ficou muito desconsolado. Esperava palavras de elogio pelo seu trabalho e o chefe nem pio sequer.

Quando chegou a casa encontrou uma carta. Era da secretaria.

O director geral communicava-lhe que prescindia dos seus serviços e que escusava de lá voltar.

O pae do Quim foi fallar ao ministro.

O ministro tratou-o muito bem, fez-lhe muitos protestos d'amisade mas em quanto á readmissão do rapaz, que não lhe fallasse mais n'isso.

—Mas porque? eu concordo, que o pequeno não é esperto, mas ha muitos funccionarios publicos, que não são espertos.

—Bem sei, mas é que ha duas classes de tolos —os tolos mansos, pela calada: os tolos ruidosos, que dão logo signal de si: seu filho pertence á segunda classe. e por isso é incompativel com o decoro, a disciplina d'uma repartição publica.

Foi n'esse dia, e depois d'essa entrevista com o ministro, que o pae do Quim desenganado da carreira official para seu filho, se voltou para as companhias de seguros, e fez d'elle um fiel fidelissimo.

O Quim encontrára finalmente a sua vocação.

Para aquillo é que elle nascera, para andar a correr casas particulares a receber dinheiro, a dar os seus dois dedos de cavaco ás familias seguradas, e receber á noite a sua percentagem sobre a receita cobrada.

Era um barra para isso.

E depois tinha uma excellente apresentação, era sympathico, bem parecido, amavel, mettia-se no coração de toda a gente e dentro em pouco o Quim Barradas era visita de todas as familias que tinham mobilia segura na sua companhia, e depois de ter ido de dia a casa receber-lhes a quota, ia á noite tomar-lhes o chá, marcar contradanças, cantar modinhas hespanholas, e fazer sortes de prestigiação.

E elle a entrar n'um dia e a mana, a Emilinhas, logo no dia immediato.

Os dois inseparaveis foram assim ampliando a esphera das suas relações, alastrando-se por todos os segurados da companhia de modo que quando o pae do Quim morreu, seus filhos, a quem elle deixou um peculiosito menos mau, eram das pessoas mais relacionadas de Lisboa.

Apesar de ficarem com alguns vintens o Quim não abandonou o seu logar: continuou a ser recebedor de seguros e a ganhar muito bom dinheiro.

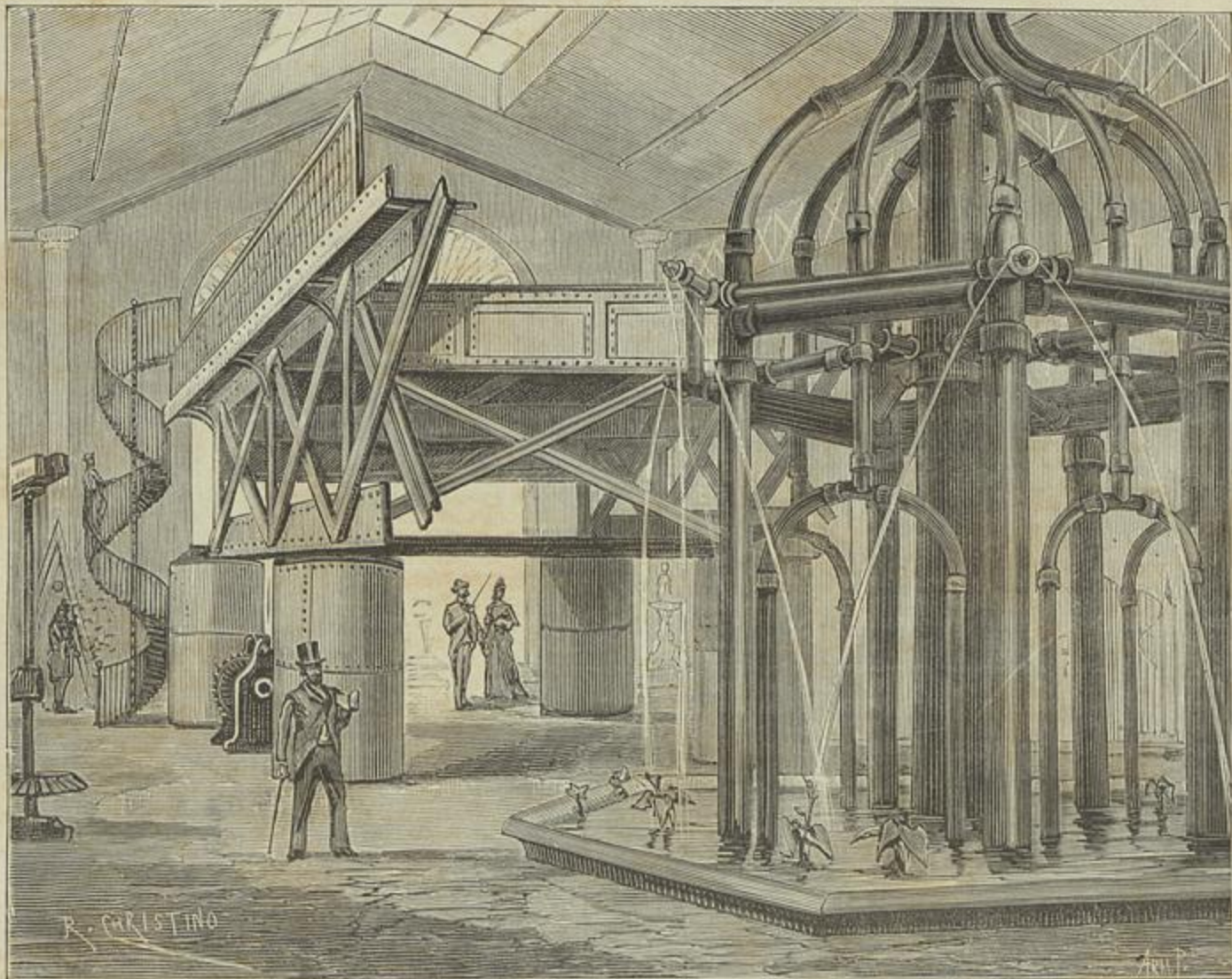
E muito unidos, elle e sua irmã, ambos solteiros, dando-se perfeitamente um com o outro, tendo ambos o mesmo feitio, as mesmas prendas, as mesmas inclinações, arranjáram muito bem a sua vida e atravessaram a existencia felicissimos, alegrissimos, divertindo-se muito a si e não desdenhando de divertir os outros.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Viagem real. El-Rei D. Luiz chegou a Berlim no dia 12 e foi recebido pelo imperador da Allemanha, na estação. A Rainha D. Maria Pia e o infante D. Affonso, chegaram a Strasburgo no mesmo dia, sendo recebidos pelo ministro portuguez na Allemanha, sr. marquez de Penafiel. O rei de Portugal almoçou com o imperador Guilherme II no seu palacio e depois ouviu missa na egreja de Santa Hedwiges acompanhado pelo sr. marquez de Penafiel; em seguida partiu para Potsdam onde o imperador Guilherme o tinha precedido. No palacio de Postdam houve jantar de gala em honra do rei de Portugal. Depois do jantar, D. Luiz visitou a imperatriz Victoria e em seguida foi á egreja da Paz orar no tumulo de Frederico III onde depositou uma corôa de lilazes, com um laço azul e branco. No dia 13 houve parada em que El-Rei D. Luiz se apresentou com a farda de marechal portuguez sobre a qual se via o colar da Aguia Negra. O imperador trajava o uniforme de general e sob a sua farda ostentava as condecorações portuguezas. Finda a parada, D. Luiz regressou a Berlim e foi visitar o tumulo do imperador Guilherme I em Charlottenburgo. No dia 14 partiu para Praga a reunir-se com sua esposa e filho, que o tinham ido alli esperar, partindo depois juntos para Ischl, onde chegaram no dia 16, sendo esperados na estação pelo imperador d'Austria Francisco José. Os reaes viajantes tem sido alvo das mais sympathicas demonstrações de affecto das côrtes que tem visitado.

A Grande ponte de S. Pedro de Alcantara para a Graça. A camara municipal de Lisboa votou por maioria a proposta que lhe foi apresentada pelos srs. Anastacio Carvalho, dr. Pinto Coelho e Camillo Verdier, de um grande viaducto entre S. Pedro de Alcantara e o largo da Graça, obra gigantesca a que já nos referimos em o noticiario de um dos numeros passados. A proposta, porém, foi modificada pela commissão technica da camara, no sentido do plano do fallecido engenheiro Miguel Paes, que primeiro estudou e imaginou esta grande obra. Assim a ponte, que percorrerá uma extenção de mil e trezentos metros, será dividida em duas partes, a primeira de seiscentos metros, partindo do extremo sul da rua de D. Pedro V, e terminando no convento de Sant'Anna, onde se fará uma grande rotunda; a segunda, de setecentos metros, seguirá do convento de Sant'Anna até á calçada do Monte, construindo-se n'este ponto uma avenida até ao largo da Graça. A primeira avenida aerea formará sobre a Avenida da Liberdade um grande arco de 150 metros de altura, do systema da ponte de D. Luiz, no Porto, e com dois taboleiros de sete metros de distancia entre si, passando o inferior a cincoenta metros de distancia acima do solo. A segunda avenida aerea formará outro grande arco por sobre a rua Nova da Palma e rua do Bemformoso, cortando em angulo recto a projectada avenida dos Anjos. De cem em cem metros haverão elevadores que communicarão os dois taboleiros entre si, permittindo que os transeuntes passem de um ao outro. Dois elevadores de grande força, estabelecidos na Avenida da Liberdade e na rua Nova da Palma, elevarão toda a especie de vehiculos á avenida aerea, facilitando assim o movimento sobre o grande viaducto. Em outros pontos da grande via aerea haverão tambem pequenos elevadores para passageiros que a ella se queiram transportar. Pa-

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

INSTALLAÇAO DA EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, VISTA INTERIOR (desenho de J. R. Christino)

rece que a unica difficuldade que podia oppor-se á realisação d'esta obra gigantesca—o capital, facilmente se obterá, porque além dos calculos feitos assegurarem o juro compensador, o enthsuiasmo por este melhoramento é grande em Lisboa, o que deve influir para o bom andamento da empreza constructora. Esta tem de declarar no prazo de 30 dias se acceita estas condições e firmar o contracto depositando trinta contos. Em seis mezes ha de apresentar o projecto e proceder á construcção, sob pena de perder o deposito e os direitos de concessão.

JOÃO DE DEUS. O eminente poeta e auctor do novo methodo de leitura *Cartilha Maternal*, João de Deus, foi nomeado, conforme deliberação anterior do parlamento, commissario geral do referido methodo de leitura. Foi uma justa compensação que o governo concedeu ao benemerito da instrucção publica, que tanto veiu facilitar o estudo das primeiras letras, com o seu magnifico methodo de leitura.

Novo PRELO MECHANICO. O sr. Manuel Antonio da Silva, impressor da Imprensa Nacional, coadjuvado pelo sr. Januario Carlos Esteves, machinista do mesmo estabelecimento, construiram um novo prelo mechanico, systema Weiler, de New-York no qual se podem fazer a um tempo impressões a quatro côres perfeitamente registadas. Este prelo que póde trabalhar com pedal ou com motor mechanico, tem funccionado na Exposição Industrial, trabalhando á vista do publico. Foi construido nas officinas da Imprensa Nacional, coadjuvando a sua construcção, além dos artistas já mencionados, o sr. J. Basilio da Costa serralheiro. Folgamos de podermos registar mais um progresso importante realisado por artistas portuguezes, e louvamos a digna direcção da Imprensa Nacional pelo auxilio que lhes prestou para realisarem o seu util invento.

MEDALHA COMMEMORATIVA. A Universidade de Bolonha conferiu a El-Rei D. Luiz uma medalha de ouro commemorativa do centenario da mesma universidade. Consta que egual honra foi conferida a D. Pedro II, imperador do Brasil, sendo estes os dois unicos monarchas estrangeiros contemplados com esta subida distincção.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relampagos. Por Fernando Leal, livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, Porto, 1888. Um vol. in 8.º, 264 paginas, edição nitida. N'este livro o auctor reuniu um punhado de boas poesias, as que foi pedir á sua lyra e cantou na formosa lingua de Camões, e as que traduziu para a lingua de Victor Hugo, como a «*Mort de Dieu et du Diable*» do *Ante Christo* de Gomes Leal e outras de sua lavra. Vê-se que o poeta tem tanta familiaridade com a lingua franceza como com a sua, e se o fazer bons versos na lingua patria não é coisa facil, o fazel-os em lingua estranha mais difficil é, porque, além de poeta, é preciso conhecer bem os segredos d'essa lingua. Fernando Leal triumpha gloriosamente d'essas difficuldades e o seu livro é uma verdadeira joia litteraria e uma novidade em livros portuguezes, tornando conhecida a poesia portugueza para os que, não sabendo a nossa lingua, tão pouco cultivada lá fóra, sabem a lingua franceza peculiar a todo o mundo civilisado.

Conceitos e Maximas dos Luziadas por B. Barreto. H. Zeferino editor, Lisboa, 1888. Este livrinho, de cêrca de 120 paginas in 16.º, que o editor offerece á *Associação Industrial Portugueza* como lembrança da Exposição Industrial de 1888 é o producto do paciente trabalho do sr. B. Barreto, professor bahiano, que colleccionou todos os conceitos e maximas que encontrou nos Luziadas. D'este livrinho fez o editor uma edição em papel Whatman, de 12 exemplares numerados, e outra em papel Philadelphia de 240 exemplares, tambem numerados. É mais um livro para os camonianos.

Catalogo official dos objectos enviados á exposição industrial portugueza em 1888. *Ministerio dos negocios da marinha e ultramar*, coordenado por José Candido Correia, primeiro tenente da armada, secretario da Escola Naval, lente interino da mesma escola e professor do instituto industrial e commercial de Lisboa. Imprensa Nacional, Lisboa 1888. Este catalogo é o complemento da magnifica exposição apresentada pelo ministerio da marinha, dos productos das differentes officinas que estão sob a sua direcção. É bastante minucioso, indicando o nome dos auctores portuguezes da maior parte dos objectos que se acham n'esta exposição. Se fosse possivel indicar o custo d'esses objectos, temos que seria assaz curioso.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna. David Corazzi editor, Lisboa. N.º 13. *Graziella* por Lamartine, versão de Bulhão Pato, segunda edição, corrigida pelo traductor, com uma noticia biographica do auctor. Quem haverá ahi mais ou menos dedicado á leitura, que não conheça esta formosa producção de Lamartine? Que se não tenha deleitado com a suave poesia que repassa o singello romance da pobre Graziella? Pois, apesar de já termos lido este primor da litteratura franceza, não nos contemos em o tornar a lêr, e outro tanto acontecerá ao leitor.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa